

# O Pregão de S. Nicolau

Recitado pelo Aluno do 12.º Ano José António da Rocha Pastor



## O PREGÃO DE S. NICOLAU

Recitado nas ruas e praças de Guimarães pelo aluno  
**JOSÉ ANTÓNIO DA ROCHA PASTOR**

Esta Pregão dedicamos a CAVACO  
Para que tire as promessas lá do Saco!

**P**ovo da Terra Mãe: estalide a pau  
Que a Tradição por nós cá continua  
E a voz do nosso Santo Nicolau  
As eternas verdades traz à rua!  
Nem gesto sequer de baquetada  
Nem tosse, cuspidela, rouquidão  
Assobio, chalaça ou paleada  
Enquanto aqui botar o meu pregão!

Se me falharem as cordas da garganta  
Para de todos aqui ser escutado  
É Saudade que vem, medonha e tanta  
Dos que vivem a Festa noutro lado;  
A saudade em que avulta a Sor' Aninhas  
Ao ressurgir da Festa em Santa Clara  
A pedir ao Reltor pelas alminhas  
A gazeta da malta que lhe é cara!

Saudade de Sampalos e Farias  
De Bráulios e Almeidas, outros nomes  
Que acendem nosso facho de Alegria  
Traçando-lhe no Céu cimeiros cumes:  
As saudades de Gongas e Aventinos  
Da Glorinha até e do Galhetas  
Que aturaram ali tantos meninos  
Agora já quebrados e jarretas!

As palavras aqui se tornem flores  
Para que saiba agora a mocidade  
O respeito que tinham Professores  
Sábios demais, amigos de verdade  
Que sendo veros Mestres Nicolinos  
E humildes gigantes do Saber  
Ensinavam também os seus meninos  
A rir, a trabalhar e a vencer!

Ó tu aí que foges apressado  
E tocas estridente essa buzina  
Volta connosco aos tempos do Passado  
Que tanto nos seduz e nos fascina:  
Detém o passado da corrida atroz  
Que fazes perseguindo o vil dinheiro  
E fica aí atento à minha voz  
Pois sou de Nicolau o pregoeiro!

Tivemos sem contar mais eleições  
E se fome não há que dê fartura  
Por' afirmam já uns brincalhões  
Que não era tão chata a Ditadura...  
Vai já cansado o Povo de sermões  
Cômicos e promessas, caça ao voto  
E vai marcando a giz espertalhões  
Que as deixam cair em saco roto!

Por isso, de repente, quem diria  
Que um magrinho de voz esgançado  
Nos vira pedir a maioría  
E a levava ali, de mão beijada?  
E que os outros, armados de balança  
Cujo fiel o peso não sabia  
Perdessem de repente a confiança  
Que por mau peso o Povo lhes devia?

Os amarelos, verdes, vermelhinhos  
Que andavam por aí na confusão  
Mais partidos até que partidinhos  
Em São Bento agora menos são  
Pois que não sofre o Povo brincadeiras  
E se os de agora ali forem brincar  
Itá o Povo sacar-lhes as cadeiras  
Que para gozo um terço vai chegar!

Ó tu, Cavaco aí, toma cuidado  
Não atrações nossa confiança  
Nosso voto não faças ensacado  
Pois votamos em ti para a mudança...  
E agora não há outro culpado  
Nem desculpa sequer ou desculpança:  
Com o Poder toalhado do teu lado  
É tua a letra, a música e a dança!

Mas não fies da vaga tecnicista  
Que anda por aí a baladar  
As magias de um sonho reformista  
Mas sem saber por onde começar:  
Usa critério são e humanista  
Não esqueças o Povo ao governar  
Nem tampouco lhe peças que invista  
Antes de uns tostões poder poupar!

Está atento aos golpes da finança  
Que anestesia antes de "golpear"  
Faz mil obrigações duma livrança  
E transforma as acções em caviar:  
Como no futebol, pontas de lança  
Atira no papel golpes bem dados  
Inventa coisas novas e alcança  
A emissão de acções... p'ra reformados.

De chuchar c'o pagode estranha forma  
O milagre dos céus, coisa não vista!  
Vai um nabo que morre da reforma  
Morrer, por ter acções, capitalista!  
Se vamos por í a coisa manca  
E desconfia o Povo, já se vê  
Que um dia vá na Bolsa a D. Branca  
Propor com muita lata uma O. P. V....

Parece-me isto tudo uma revista  
Para rir a bom rir, à gargalhada:  
Vira o Zé Povo em capitalista  
Sedento de lazer e vida airada!  
Já não fala em trabalho! O macacão  
Quer fugir ao tecer ou ao lavar  
A acção que procura é uma acção  
Bem cotada na Bolsa, ganha ao par...

Agora que andava aí o Zé  
A dar numa rebalda uso ao tacho  
Do Totoloto lá da C. E. E.  
Veio o mauzão da fita - esse Cavaco -  
Armou tal sururu e tal banzé  
Que a muitos vai sair o jogo choco:  
Não lhes virá da dita p'ra rapé  
Não verão capital nem verão troco!

Já vão em cinco mil as madrugadas  
Após que da GaiVota hinó ou cantiga  
Nos fizeram esp'ranças deturpadas  
Duma era melhor que era antiga:  
Agora já o sabe toda a gente  
Que ia sendo o fim da macacada!  
Em pés de lá se vai ao "antigamente"  
A Pátria de Camões, de nós amada...

E nós, o seu futuro, os estudantes  
Da macacada, ao fim, os mais lesados  
Queremos um ensino igual ao dantes  
Queremos aprender, ser ensinados  
Sem mais reformas tolas e pedantes  
Dos que à moda antiga doutorados  
Nos querem hoje e sempre ignorantes  
E ao "numerus clausus" amarrados...

De nossos pais temos destino vário:  
Tiveram todos eles professor  
Que sendo do Ensino funcionário  
A todos ensinava com amor...  
Agora assim só temos excepções  
Que se podem contar num só momento:  
De suspeito saber fazer lições  
E do Saber não fazem testamento!

Andaram nossos Pais por' a pé  
Correndo molhadinhos à lição  
E aprendiam como a vida é  
Carente de trabalho e devoção...  
Agora pensam ser o jovem tonto:  
Em lugar de saber dão-lhe um cartão  
Com cinquenta por cento de desconto  
Para ir à gazeta de avião!

E joguetes de tais habilidades  
Vitimados por tanto dispaúterio  
Ficam ao jovem probabilidades  
De sem emprego ir ao cemitério...  
Vai o Ensino evado de espárrulas  
E os nomes maiores deste exílio  
Inventam estratégias e tabelas  
E trocam-nos Saber por... "subsílios"!

Tão mal aproveitadas as Escolas!  
Tão carregado o Pai contribuinte  
P'ra ver o filho a receber esmolas  
Em treinos de futuro de pedinte...  
Tão mal aproveitada a juventude  
Num quadro social tão tecnicista:  
Vai a Pátria com ela ao atúde  
Não há aí futuro que resista!

Mas o engano topa a estudantada  
E quando for a hora do devir  
Os velhotes que a trazem enganada  
Agruras na velhice vão sentir...  
E verão os autores das "mudanças"  
Já sem nada poderem corrigir  
Que isto de brincar com as crianças  
Sem as deixar brincar... é destruir!

Bem preciso será o devolver  
Os meios de trabalho a quem trabalha  
Mas a coisa é difícil de fazer  
E se feita a correr... só atrapalha:  
Por isso de ministros sapiência  
Só serve se de perto acompanhada  
Por uma essencial experiência  
Que da vida não tem quem não fez nada!

E tu, ó Leonor, ó Belezinha  
Que na saúde mandas, és poder:  
Não me tragas de novo a taxazinha  
Que eu já pago taxas de morrer!  
Deixa lá quem quiser usar pistola  
Mas fornece seringas e injeções  
Porque é sempre o doente quem se amola  
No meio de tão douras discussões...

Haja paz na Saúde, haja concórdia  
Direito à assistência sem favor:  
Haja ao menos a tal Mestrícórdia  
Que nos legou a outra Leonor!  
Haja ao menos urgência na Urgência  
--É quanto pede o Povo sofredor--  
Que de socorro certo tem carência  
E de todo o socorro é pagador!

Fala a Ministra. A Ordem também fala.  
O Sindicato vai à discussão.  
Só o doente, o pobre, é que se cala  
Porque ninguém lhe pede opinião!  
A malta nicolina não é gaga  
E amante da Paz não querer barulho:  
Todos querem mandar? Manda quem paga!  
É o Povo que paga o sarrabulho!

Temos um Presidente que se inveja  
E faz um cargo vivo e tão vivido  
Que foge de Lisboa e vai a Beja  
Levando ao Alentejo o seu sentido!  
Na chatice do cargo o que deseja  
É ao País levar o tom harmónico  
P'ra que todo o País afinal veja  
Que tem um Presidente Supersónico...

Vai a guerra no mundo e pensa a gente  
Que aos tiros a Paz vai conquistar:  
A terra a norte, a sul, a oriente  
A tiros de canhão teima lavar!  
E os orfãos de guerra são milhões!  
Mandam matar os grandes deste mundo:  
E vai um tiro num porta-aviões!  
E toma lá que vai o barco ao fundo!

Enquanto aos são a bala rouba a vida  
Tão roubada da Morte em mil maneiras  
— Do cancro mais antigo à nova SIDA —  
Sofre o filho de Adão as vis rasteiras  
É o homem de agora morto vivo  
Enleado nas suas ambições  
E condenado ao vil preservativo  
Por entre mil medonhas frustrações...

Do Brasil onde foram caravelas  
Nesses tempos heróicos de Cabral  
Chegam por avião Telenovelas  
Em cargas bestiais a Portugal...  
E todo o mundo fala "Brasileiro"  
Imita Sinházinha e a Porcina!  
E sem roque gramamos o Santeiro  
Temos do coronel a triste sina...

Ver jogar o Vitória é de arrebeta  
Pois a força real não se retrata:  
Quando pensa perder marca setenta  
Quando pensa ganhar lá sai batata!  
A jogar fora... ainda se aguenta  
Mas quando toca a jogar em casa  
A toada do jogo é morrinhenta  
E os nervos do pagode todo arrasa.

Presidente Pimenta bem se amola  
E cada vez que troca treinador  
Tem de mandar a imprensa para a escola  
Por se fiar de outro director!  
Troca não troca, de troca adiada  
Suspensa de Pimenta a urbe inteira  
Vem afinal a troca apimentada  
Do Infeliz René por Oliveira!

Quando no campo não havia luz  
E jogava o Torinha à luz do dia  
Eram defesas grandes de Jesus  
E dos pontas de lança golaria...  
Agora com o campo iluminado  
Mesmo contra a vontade popular  
Anda o Torinha morto e apagado  
E treme o treinador no seu lugar!

Grassa por todo o lado a discussão  
E cada um sua razão sustenta:  
Se Kipulu não mete o tal golão  
A culpa é sempre toda de Pimenta  
Que trocou a serpente, o Cascavel  
E o Marinho Peres por setenta!  
Com pernas e cabeças a granel  
Não vai chegar ao fim! Não aguenta!

Melhor até é não falarmos disso  
Que na cidade impera a confusão  
Graças ao mestre, o genial suíço  
Que umas luzes tem da profissão:  
Bota um sentido só em Gil Vicente  
E nada de virar para o Toural...  
Atra logo dois ali à frente  
E faz-nos circular num tremedal!

Os próprios naturais andam perdidos  
Tantas são as mudanças sugeridas  
E os turistas marcam precavidos  
Com tremoços as vias e saídas...  
Alarga-se passeio, sai placa  
Mais uma tabuleta, tudo a andar:  
Se um para mijar a mula estaca  
Obriga o marulhal todo a parar!

Acabem as reformas e as tretas  
Que estragam toda a nossa viação!  
Poupem a guita, poupem tabuletas  
E poupem do sul-so a invenção:  
Amandem-nos de f-r-ssa a circular  
Abram as novas v's de cintura  
Qu' nós sabemos bem por onde andar  
Sem suíças gincanas de aventura!

Mais obras lá no largo dos Navarros  
Ideias novas, frescas e dif'rentes:  
Umaz voltinhas mais darão os carros  
E mais os transportados penitentes!  
É obra necessária na verdade  
Para o local assim ficar mais rico:  
O antigo Penico da Cidade  
No restauro será "Novo Penico"...

Cem anos fez de estátua o Rei Afonso  
À quase mil desceu à sepultura  
E rezemos ao menos um responso  
Sem gastos do Pelouro da Cultura  
Que andando muito à rasca de dinheiros  
Nem assim da cultura se desfaza  
E ao comprar a Casa dos Carneiros  
Mete a Cultura toda numa casa!

A Penha, cá da terra o paraizo  
Miradouro de paz e devoção  
Não sofre do progresso o prejuizo:  
Antenas, Guimarães? Isso é que não!  
Só das cósmicas forças instaladas  
A montanha suporta as duras penas:  
Coriscos, raios, chuvas, trovoadas...  
Antenas, Guimarães? Nada de antenas!

Decerto haverá por' quem berre  
E proteste ou maldiga sem razão:  
Proibe a Irmandade a TeVeErre  
E deixa 'inda por lá Televisão?  
Quando as antenas eram TeVe Covas  
Ainda a coisa passava menos mal...  
Agora outras antenas, sendo novas  
Estragam a paisagem no local...

De Santiago só a invocação  
E os mouros fugiam sem alarde!  
Agora, Guimarães, agora não!  
Embora se respeite a santidade  
E a praça rememore o velho orago  
Pendura as antenas na cidade  
E poupa nossa Penha àquele estrago:  
Queremos nela a cósmica verdade!

Até a RTP, a presunçosa  
Receia a concorrência diabólica  
Doutros programações e pressurosa  
Lá nos manda selar a parabólica!  
Mais um desgosto este tão profundo  
Capaz de provocar tremenda cólica:  
Já Guimarães não pode ver o mundo  
Por força desta Lei tão melancólica!

Senhoras e meninas cuja graça  
A nossa eterna Festa não dispensa  
Vivei a vida porque a vida passa  
E nem sempre o Amor nos recompensa!  
Sendo verdade que saias rachadas  
Até fazem brilhar olhos de velho  
As curtas que trazeis tão encurtadas  
Aos novos tiram fomes de Joelho...

Mas as calças de ganga são desastre  
E o fogo que incendia os corações  
Vai apagado aí em cada traste  
Que nos mostre trazeiro aos rebolões:  
E vai assim o mundo em tal desaire  
No afã de progresso sem conquistas  
Que bem decerto a Ana Salazaire  
Vai despedir o resto das modistas!

Fazei de antigo o gosto renovado  
- Ó vós que andais aí na rua em pêlo -  
Que tinha meu Avó mal espreatado  
De minha santa Avó o tornozelo...  
Dai-nos do Amor arcaicas sensações  
Mostrai devagarinho esses tesouros  
E renovai ao neto as ilusões  
Que antigamente tinham brilhos d'our

Ao nosso Baile vindo esplendorosas  
Seja qual for a vossa condição:  
Abertas em sorrisos como rosas  
Sereis Santas da nossa devoção!  
De bem longo vestido, no "frisson"  
Pois quero ver de gatas pelo chão  
Esse parvo futrica que me inveja...

Aprontai Nicolinos as baquetas!  
Dispara a metralha em desatino!  
Sustai agora o brilho dos cometas!  
Fazei da Alegria um sol a pino!  
Zurzi esses zabumbas com furor!  
Alçai para Minerva os corações!  
Mostrai a Guimarães o vosso Amor!  
Mostrai ao Mundo as nossas Tradições!

A. Meireles Graça, poeta  
NICOLINAS 1 87